UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

JEANE DOS SANTOS

Eu, professor, e os recursos didáticos

Guarabira – PB
2014

JEANE DOS SANTOS

Eu, professor, e os recursos didáticos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras sob a orientação da Professora Drª Rita de Cássia da Rocha Cavalcante.

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237e Santos, Jeane dos
Eu, professor, e os recursos didáticos [manuscrito] : / Jeane dos Santos. - 2014.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Rita de Cássia da Rocha Cavalcante, Departamento de Educação".

1. Recursos didáticos. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Inovação tecnológica. I. Título.

21. ed. CDD 371.3

JEANE DOS SANTOS

Eu, professor, e os recursos didáticos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras sob a orientação da Professora Drª Rita de Cássia da Rocha Cavalcante.

Aprovada em 10/03/2014.

Rita de Cássia da R. Cavalcante
Profª Drª Rita de Cássia da Rocha Cavalcante – UEPB
Orientadora

Izandra Falcão Gomes
Profª Ms. Izandra Falcão Gomes - UEPB
Examinadora

Kedna Karla Ferreira da Silva
Profª Ms. Kedna Karla Ferreira da Silva - UEPB
Examinadora

Eu, professor, e os recursos didáticos

SANTOS, Jeane dos[1]

RESUMO

O referido trabalho tem como objeto de estudo os recursos didáticos para uma prática docente enriquecedora, já que a discussão sobre a qualidade da educação é tema recorrente não apenas no meio acadêmico, mas em diversas esferas da sociedade. E a qualidade desta também está relacionada ao uso de meios educativos. Desse modo, pretende-se, após uma breve retrospectiva da Didática no contexto brasileiro, apresentar alguns conceitos e classificação dos materiais didáticos; além de se fazer um levantamento sobre a diversidade de recursos de ensino utilizados ao longo dos séculos, bem como os mais adequados à sala de aula na contemporaneidade. Durante o percurso desta pesquisa, de cunho bibliográfico, objetiva-se explicitar como a inovação tecnológica pode ser empregada de maneira produtiva ao contexto escolar, e ainda, se os recursos menos contemporâneos devem ser utilizados. Como embasamento teórico serão utilizados escritos de teóricos como Veiga (2008), Freitas (2007), Pais (2000), Vergueiro (2010), Ramos (2010), dentre outros. Ao término dessa atividade investigativa, aspira-se contribuir para uma melhor compreensão da função dos recursos didáticos bem como a adequada utilização dos mesmos.

Palavras-chave: Recursos didáticos. Ensino-aprendizagem. Contemporaneidade.

[1] Aluna Concluinte do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: enaejsantos@hotmail.com

ABSTRACT

This work aims at studying didactic resources for enriching teaching practice, since that discussion on Education quality is a recurring theme, not only at University, but in different spheres of society. And this quality is also related to the use of educational media. Thus, it is intended, after a brief retrospective of Teaching in the Brazilian context, to show some concepts and classification of learning materials; besides making a survey on the diversity of didactic resources used over the centuries, as well as the most appropriate ones to the classroom in the contemporaneity. During the course of this research, under bibliographical basis, we aim at explaining how technological innovation can be used in a productive way to school context, and whether less contemporary resources should be used. As theoretical basis, one considers the works of theorists, such as: Veiga (2008), Freitas (2007), Pais (2000), Vergueiro (2010), Ramos (2010), among others. At the end of this investigative activity, one aspires to contribute to a better understanding of the teaching resources function and the proper use of them.

Keywords: Teaching resources. Teaching and learning. Contemporaneity.

SUMÁRIO

Introdução.....6
1. A importância dos recursos de ensino na evolução histórica da Didática no Brasil.....7
2. Os recursos didáticos e a importância do trabalho docente.....11
3. Propostas de utilização de recursos didáticos.....15
3.1. Antigo e eficiente: quadro de escrever.....16
3.2. Um grande companheiro: livro.....16
3.3. Sintetizando informações: cartazes.....17
3.4. Cruzando linguagens: histórias em quadrinhos.....18
3.5. Cultura e tradição: folhetos de cordel.....19
3.6. Expondo informações e textos diversos: mural didático e varal de leitura.....20
3.7. Um *show* de apresentação: *Datashow*.....20
3.8. Um mundo de informação na palma da mão: *pen drive*.....22
3.9. Laboratórios de informática: informatizando escolas.....22
Conclusões.....23
Referências bibliográficas.....25

Introdução

O debate sobre a qualidade da educação brasileira vem ganhando força a partir do século XX e, atualmente, tornou-se um dos principais temas de interesse da população. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objeto de estudo os recursos didáticos, por entendê-los como elemento intrínseco ao processo ensino-aprendizagem.

Sendo assim, constitui-se objetivo geral deste artigo investigar como os materiais didáticos podem auxiliar o processo de ensino e aprendizagem de modo a torná-lo significativo, contribuindo com a qualidade da educação brasileira. Para que isso aconteça, torna-se necessário:

- Conhecer, embora superficialmente, questões relacionadas ao processo educativo desde a colonização do Brasil até a contemporaneidade, através de uma síntese histórica da Didática no contexto brasileiro;
- Apresentar alguns conceitos e classificação dos materiais didáticos;
- Fazer um levantamento sobre a diversidade de recursos de ensino utilizados ao longo dos séculos, bem como os mais adequados à sala de aula na atualidade;
- Entender qual é a importância da formação docente para se fazer um levantamento das necessidades dos discentes e tentar atendê-las de maneira prazerosa e dinâmica.

A pesquisa aqui empreendida, de caráter qualitativo, deteve-se num estudo bibliográfico submetido às técnicas de leitura, fichamento, análise e comparação. Para isso, utilizaram-se pressupostos teóricos sobre Didática, recursos de ensino, relação professor-conhecimento-aluno, inovação tecnológica no contexto escolar, os quais em alguns momentos foram contrapostos a inquietações de cunho empírico.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apesar de ter evoluído, o Brasil ainda está nas posições mais baixas do *ranking* do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). Pois, como consta no *Relatório Nacional PISA 2012: Resultados brasileiros* a educação do Brasil tem um longo caminho a percorrer para aproximar-se dos países com melhor desempenho. E dentre alguns problemas relatados podem-se citar os

de infraestrutura das escolas, os relacionados a equipamentos educacionais ou a formação docente.

Quanto à motivação dos alunos para a aprendizagem, Libâneo (2008) lembra que ela ocorre através de conteúdos significativos e compreensíveis, além de métodos adequados. Daí a importância da aproximação dos contextos social e escolar. Só assim, será possível que haja aprendizagem significativa, ou seja, aprendizagem verdadeira (FERREIRA, 2007). E já que a escola assumiu a função de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, deverá priorizar conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, de modo que aprendizagem e assimilação sejam essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres, como determina os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

No entanto para que haja essa aproximação entre o aluno e o conteúdo, destaca-se a função dos equipamentos didáticos, os quais devem ser utilizados pelo professor adequadamente, de modo que não aconteça uma inversão didática (Pais, 2000). Nesse sentido, o conhecimento sobre a variedade de recursos tecnológicos e a utilização desses vários materiais didáticos no contexto escolar, observando a caracterização de cada turma e seus interesses em consonância com o ambiente sociocultural, constitui-se uma poderosa ferramenta para o sucesso do ensino-aprendizagem.

1. A importância dos recursos de ensino na evolução histórica da Didática no Brasil

Antes de iniciar a discussão sobre os recursos didáticos e a finalidade dos mesmos, torna-se primordial uma breve retrospectiva da Didática no contexto brasileiro, de acordo com os trabalhos de Veiga (2008) e Silva, Giordani e Menotti (2009).

A Didática está arraigada à catequese e à instrução dos indígenas brasileiros pelos jesuítas, no período de 1549, momento em que aportaram no país, até 1759, quando o Marquês de Pombal os expulsou, através da Reforma Pombalina.

Sobre o plano de instrução dos jesuítas, Ilma Passos Veiga (2008) explica que:

> a ação pedagógica era marcada pelas formas dogmáticas do pensamento, contra o pensamento crítico. O ensino era completamente alheio à realidade de vida da Colônia. Privilegiavam o exercício da memória e o desenvolvimento do raciocínio.
> [...]
> Desta forma, não se pode pensar em uma prática pedagógica e, muito menos, em uma Didática que buscasse uma perspectiva transformadora na educação e no país. (VEIGA, 2008, p. 40 e 41)

Assim, como no período colonial a educação não era considerada elemento social relevante justifica-se, nesse contexto, que o modelo de ensino adotado pelos religiosos não produzisse reflexões, as quais poderiam catalisar revoltas dos explorados e dos manipulados contra a Metrópole. Desse modo, os métodos utilizados pelos jesuítas estavam centrados "no seu caráter meramente formal, tendo por base o intelecto, marcado pela visão essencialista de homem" (VEIGA, *ibidem*, p. 41).

De acordo com essa Pedagogia Tradicional, parafraseando Libâneo (1994), Silva, Giordani e Menotti (2009) corroboram que os materiais didáticos são descontextualizados. Desse modo, evidencia-se que o material didático tem pouca importância na aprendizagem, pois além de não está inserido ao contexto, pouco ou nunca é utilizado pelo professor. Este processo de ensino e aprendizagem acaba perdendo seu valor e tornando-se precário, uma vez que o aluno apenas repete o conhecimento e não o re (constrói) (SILVA, GIORDANI e MENOTTI, 2009). Nesse momento histórico, a

> Didática é compreendida como um conjunto de regras visando assegurar aos futuros professores as orientações necessárias ao trabalho docente.
> Desta forma, o enfoque da Didática, a partir do ideário de Pedagogia Tradicional nas vertentes religiosa e leiga, entende a atividade docente, inteiramente autônoma face à política, dissociada da educação na sociedade, ou seja, das questões das relações entre escola e sociedade. Esta Didática separa teoria e prática, sendo a prática vista como aplicação da teoria, e o ensino como forma de doutrinação. (VEIGA, *op. cit*., p. 44)

Como se pode verificar, essa concepção de Didática não possibilita a interação horizontal entre os membros que compõem a comunidade escolar, parceria necessária para a efetivação de um ensino de qualidade, o qual possibilite

aos discentes não serem apenas depositários de informações[2] repassadas pelo professor.

Assim, somente após a inicialização do processo industrial brasileiro no início do século XX é que um novo olhar é lançado sobre a educação, objetivando-se a difusão do ensino e o combate ao analfabetismo. A partir daí, surgem os primeiros profissionais da educação e a base da Escola Nova.

Devem-se salientar algumas importantes modificações ocorridas no âmbito educacional, a exemplo da criação da Associação Brasileira de Educação (1924); a instituição do Ministério da Educação e Saúde (1930); o lançamento do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932); a Reforma Francisco de Campos (1931-1932); o surgimento do Conselho Nacional de Educação; a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934). A partir desta última, a Didática é introduzida como disciplina dos cursos de formação docente e, posteriormente, como curso.

Enquanto a Pedagogia Tradicional enfatizava o papel do professor, de acordo com a concepção dos escolanovistas, o aluno assume o centro das atividades escolares. Assim, a "autoridade do professor não entra mais em prática, e sim a sua capacidade de auxiliar o aluno em suas tarefas" em "escolas coloridas, alegres, movimentadas e bem equipadas" (SILVA, GIORDANI e MENOTTI, *op. cit.*, p. 9). Nesse período, o lúdico torna-se um elemento presente em sala de aula, através de materiais alternativos, jogos, filmes e brincadeiras. Segundo Ilma Passos (*op. cit.*),

> A Didática é entendida como um conjunto de idéias e métodos, privilegiando a dimensão técnica do processo de ensino, fundamentada nos pressupostos psicológicos ou pedagógicos e experimentais, cientificamente validados na experiência e constituídos em teoria, ignorando o contexto sócio-político-econômico. (VEIGA, *ibidem*, p. 52)

Nessa concepção, teoria e prática são justapostas. E por não haver um enfoque na seleção dos conteúdos a serem ministrados, mas na forma de aquisição dos mesmos, acredita-se que houve uma redução na qualidade do ensino (VEIGA, 2008).

[2] Segundo Paulo Freire (2007), essa concepção de educação é denominada bancária. Diz Freire: "Na visão 'bancária' da educação, o 'saber' é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber." FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

A partir de 1945, há uma aceleração e diversificação quanto à substituição de importações e à penetração do capital estrangeiro no Brasil, caracterizando o modelo político democrático liberal. No qual, de um lado havia o desenvolvimento do grupo populista, e de outro, o do grupo de tendência antipopulista. Neste contexto, a política educacional reflete o posicionamento desses grupos no poder.

Como lembra Veiga (*ibidem*, p. 55 e 56),

> É importante frisar que, nesta fase, o ensino da Didática também se inspirou no liberalismo e no pragmatismo. A prática pedagógica liberal-pragmática acentua a predominância dos processos metodológicos em detrimento da própria aquisição de conhecimento. A Didática se volta para as variáveis do processo de ensino sem considerar o contexto político-social. Acentua-se, desta forma, o enfoque renovador-tecnicista da Didática na esteira do movimento escolanovista, que passa a ser difundido pelos órgãos oficiais, das Universidades ao então ensino primário e ensino médio.

Assim, além do pragmatismo e do liberalismo, o socialismo de Durkhein e a psicologia experimental davam embasamento para as concepções educacionais da época. Desse modo, a partir do convênio firmado entre o Brasil e os Estados Unidos, cria-se o PABAEE (Programa Americano-Brasileiro de Auxílio ao Ensino Elementar), introduzindo os princípios de uma tecnologia educacional oriunda dos Estados Unidos nos cursos de aperfeiçoamento de professores do Curso Normal. Isso contribuiu para a difusão do ideário renovador-tecnicista.

O sistema educacional brasileiro a partir de 1960 foi marcado pela crise da Pedagogia Nova e pela articulação da tendência tecnicista.

> Instala-se na escola a divisão do trabalho sob a justificativa da produtividade, propiciando o parcelamento e a fragmentação do processo e, com isso, acentuando a distância entre quem planeja e quem executa. (VEIGA, *ibidem*, p. 58)

Como afirmam Silva, Giordani e Menotti (*op. cit.*, p. 10), “a escola serve para preparar mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho atual. Nem o professor nem o aluno são os centros desta perspectiva, mas sim a tecnologia”. Neste aspecto, os materiais didáticos tornam-se secundários, uma vez que o importante é tê-los, e não utilizá-los. Logo, a desvinculação entre teoria e prática é mais nítida na Didática Tecnicista. Uma vez que o professor torna-se mero executor da prática, enquanto “[a]centua-se o formalismo didático através dos planos elaborados segundo normas pré-fixadas, visando a consecução de objetivos”

(VEIGA, *op. cit.*, p. 61). Isto significa que a "Didática é concebida como estratégia para o alcance dos produtos previstos para o processo ensino-aprendizagem" (VEIGA, *idem*).

A partir da década de 80, com a instalação da Nova República, a proposta pedagógica afirma que a formação do homem ocorre pela elevação da consciência coletiva, de modo que

> a escola como parte integrante da totalidade social, é vista como instância de difusão do conhecimento. Uma Pedagogia Crítica está empenhada em que a escola funcione bem e preocupada em resgatar a sua função primordial — o ensino[.] (VEIGA, *ibidem*, p. 66)

Função essa, segundo Libâneo (a*pud* VEIGA, *idem*), deve ser a "difusão de conhecimento e sua reelaboração crítica por parte de professores e alunos". Assim, o enfoque da Didática deverá ir além dos métodos e técnicas, procurando associar escola-sociedade, teoria-prática. Além disso, deve superar a dicotomia entre a pedagogia e a política, uma vez que ambas constituem modalidades específicas da prática social, apesar de suas especificidades próprias (VEIGA, 2008).

Nesta concepção, "o professor é o mediador, cuja função é orientar e abrir perspectivas numa relação de troca entre o meio e o aluno, a partir dos conteúdos." (SILVA, GIORDANI e MENOTTI, *op. cit.*, p. 11); e os materiais didáticos "devem ser associados à realidade sócio-cultural dos educandos [...] tornando a aprendizagem significativa e eficaz." (*ibidem*, p. 12).

2. Os recursos didáticos e a importância do trabalho docente

O homem desde seus primórdios usou objetos que facilitavam suas atividades diárias. Inicialmente, os materiais eram utilizados tal qual eram encontrados na natureza e, posteriormente, foram tornando-se mais sofisticados. Assim, os primeiros grupos humanos preocuparam-se com a transmissão do conhecimento adquirido socialmente aos mais jovens, objetivando garantir-lhes a sobrevivência e a defesa da comunidade. Esse processo de transmissão de cunho oral, que ocorria por meio de dramatizações e diversos outros artifícios narrativos, tinha como único recurso de aprendizagem a memorização dos alunos.

Essas dramatizações empregavam um aspecto importante para proporcionar prazer aos aprendizes, a ludicidade. O prazer possibilitava aprender mais e melhor. Algo semelhante ocorria com os brinquedos usados pelas crianças, antes do surgimento das escolas, que tinham uma função educativa, preparando-as para suas tarefas futuras.

Segundo Olga Freitas (2007) essa capacidade de buscar e construir estratégias e ferramentas que facilitam o cotidiano é uma característica humana.

Assim, a autora apresenta o seguinte conceito de materiais didáticos:

> Também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais”, os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo. (FREITAS, 2007, p. 21)

Os recursos didáticos, segundo a Classificação Brasileira dos Recursos Audiovisuais, são classificados em visuais (álbum seriado, cartazes, exposição, fotografias, flanelógrafo, gráficos, gravuras, mapas, modelos, mural, museus, objetos, quadro de giz, quadros, transparências), auditivos (aparelho de som, discos, fitas cassete, CDs, rádio, CD-Rom) ou audiovisuais (filmes, diapositivos e diafilmes com som, cinema sonoro, televisão, videocassete, programas para computadores com som, aparelho de DVD, computador). É claro que constantemente outros materiais didáticos são criados, seja por uma necessidade educacional ou por imposição político-administrativa, somando-se aos demais já existentes (FREITAS, 2007).

Como foi abordado no tópico anterior, pôde-se perceber como historicamente o enfoque do processo ensino-aprendizagem — professor, aluno, tecnologia, conteúdos — modificou-se para atender necessidades econômicas, políticas, científicas.

Assim, com o surgimento do escolanovismo deu-se início uma visão didática enfocada no aluno, o qual determinava a iniciativa principal no contexto escolar, sendo este ambiente harmônico, como forma de vivência democrática. Além de alegre e estimulante esse espaço deveria ser dotado de materiais didáticos (VEIGA, *op. cit.*).

Nesse entendimento, começa-se a destacar a importância dos recursos didáticos, não com a mesma relevância atual adquirida com a Pedagogia Crítico-social dos conteúdos[3], porém mais enfática que o período anterior:

> Acredita-se que o debate acerca da utilização de tais recursos tenha surgido a partir do movimento amplo e complexo que ficou conhecido como Escola Nova, [...] responsável por redefinir o contexto educacional. Passou a designar em sentido mais amplo um novo tratamento dos problemas da educação e estava ligado a movimentos de criação e propagação de idéias revolucionárias, a instauração de reuniões nacionais e internacionais e a debates em meios de comunicação e meios acadêmicos da época. (OLIVEIRA e COSTA, 2011, p. 2-3)

Outro conceito de recursos didáticos é trazido por professores do Instituto Benjamin Constant, que os definem como:

> todos os recursos físicos, utilizados com maior ou menor freqüência em todas as disciplinas, áreas de estudo ou atividades, sejam quais forem as técnicas ou métodos empregados, visando auxiliar o educando a realizar sua aprendizagem mais eficientemente, constituindo-se num meio para facilitar, incentivar ou possibilitar o processo ensino-aprendizagem. (CERQUEIRA e FERREIRA, 1996, p. 1)

Nessa perspectiva, os recursos didáticos tornam-se uma poderosa ferramenta no processo ensino-aprendizagem, uma vez que podem auxiliar o aluno na aquisição de novos conhecimentos. E para que a aula seja considerada dinâmica, é necessário que isso aconteça, ou seja, que o aluno participe como sujeito na construção do conhecimento (CALDEIRA, CÂMARA e LIMA, 2011). No entanto, é preciso atentar para a função do professor nesse processo:

> não são os recursos que transformam aulas de reprodução em aulas de construção, cabe ao professor que é o mediador adequar a função do recurso aos seus objetivos e conteúdos para que a aprendizagem aconteça. (CALDEIRA, CÂMARA e LIMA, 2011, p. 4)

Para Jussara Hoffmann (2010), mediar a experiência educativa significa acompanhar o aluno em ação-reflexão-ação. Isto é, acompanha-se o discente na busca de novas informações, na reflexão sobre procedimentos de aprendizagem, na

[3] As propostas desta tendência foram desenvolvidas, no Brasil, por Dermeval Saviani, o qual se baseia em vários autores, como: Gramsci, Marx, entre outros. A tendência Crítico-social dos conteúdos está preocupada com a função transformadora da educação em relação à sociedade, sem, entretanto, deixar de atentar para o processo de construção do conhecimento fundamentado nos conteúdos acumulados pela humanidade.

interação com os outros e na reflexão sobre si próprio enquanto aprendiz. Logo, os momentos mediadores (reflexivos) são extremamente significativos tanto para o professor quanto para o aluno.

De acordo com o pensamento de CALDEIRA, CÂMARA e LIMA (*op. cit.*), sobressai-se o papel do docente no contexto educacional, a quem compete conhecer bem os materiais didáticos, manuseá-los com eficácia, além de empregá-los de acordo com as peculiaridades de cada conteúdo didático e de cada público-alvo.

Os recursos ajudam na concretização de conceitos ditos abstratos, a sua empregabilidade também está condicionada às necessidades de cada turma. E estas necessidades podem mudar em função da faixa etária, de condições socioeconômicas e culturais e até de gênero, já que cada conjunto de discentes apresenta determinadas características em comum, determinando, desse modo, uma identidade coletiva que geralmente diferencia-se de outras identidades coletivas mesmo que coabitem um mesmo espaço educacional.

É por isso que o "professor precisa fazer um diagnóstico das necessidades da turma, como eles aprendem melhor e variar os recursos pedagógicos" (MELLO, 2012).

Segundo Freitas (2007) numa pesquisa comprovou-se que se aprende 1% por meio do gosto, 1,5% através do tato, 3,5% por intermédio do olfato, 11% por meio da audição e 83% através da visão. Logo, a utilização de muitos e variados recursos audiovisuais é estratégia para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de maneira eficaz, já que o ser humano retém 10% do que ler, 20% do que escuta, 30% do que ver, 50% do que ver e escuta, 70% do que ouve e logo discute, e 90% do que ouve e logo realiza.

Assim, além da importância de se conhecer os recursos tecnológicos e manuseá-los adequada e oportunamente, a professora Rosângela Mello (2012) enfatiza que é preciso variar os recursos pedagógicos, a partir do diagnóstico da turma.

A partir do que foi exposto até o momento, pode-se dizer que por meio do material didático tanto o aluno quanto o professor podem ser protagonistas no desenvolvimento de suas potencialidades (SILVA, GIORDANI e MENOTTI, 2009).

Quanto ao material didático, este “pode ser justificado no trabalho pedagógico quando é um excelente mediador do processo de construção do conhecimento” (i*bidem*, p. 17) pelos discentes, atingindo seu sentido ser.

Assim, Luiz Carlos Pais (2000) corrobora este conceito ao afirmar que

> Os recursos didáticos envolvem uma diversidade de elementos utilizados como suporte experimental na organização do processo de ensino e de aprendizagem. Sua finalidade é servir de interface mediadora para facilitar na relação entre professor, aluno e o conhecimento em um momento preciso da elaboração do saber (PAIS, 2000, p. 2-3)

Além disso, esse estudioso alerta que quando os materiais didáticos não têm essa finalidade, de mediar o conhecimento entre os protagonistas — aluno e professor —, ocorre uma inversão didática.

> O uso inadequado de um recurso didático pode resultar em uma **inversão didática** em relação à sua finalidade pedagógica inicial. Isto ocorre quando o material passa a ser utilizado como uma finalidade em si mesmo em vez de ser visto [como] um instrumento para a aquisição de um conhecimento específico. (PAIS, *ibidem*, p. 5, grifo do autor)

Nesse sentido, Pais (2000) afirma aproximar sua análise às considerações de Brousseau (1986) sobre esse indevido tipo de inversão, que faz com que um instrumento pedagógico que deveria facilitar o processo de ensino e aprendizagem passa a ser utilizado como se fosse o próprio material de estudo.

Como exemplo, pode-se citar a exibição de um filme durante uma aula, o qual se não for explorado após a exibição de algumas cenas, alguns quadros, não for discutido, ao término, o aluno terá dificuldade em relatar o que compreendeu, e até mesmo em compreendê-lo. Assim, o recurso deixa de ser um facilitador do processo de aprendizagem para tornar-se o próprio objeto de estudo em si mesmo.

Ainda sobre a inversão didática, Luiz Pais (2000) acredita que vários fatores são a causa desta, porém o fator mais significativo é o problema de formação de professores.

3. Propostas de utilização de recursos didáticos

Os recursos didáticos mais conhecidos no Brasil são: álbum seriado, cartazes, computador, *datashow*, desenhos, diorama, discos, DVDs, episcópio, filme, flanelógrafo, *folders*, gráficos, gravador, gravuras, histórias em quadrinhos, ilustrações, jornais, letreiros, livros, mapas, maquete, mimeógrafo, modelos, mural, museus, quadro magnéticos, quadro de giz, reálias, retroprojetor, revistas, *slides*, televisão, textos, transparências, varal didático, videocassete e aparelho de DVD (FREITAS, 2007).

Esses materiais e equipamentos são os mais conhecidos por, além de apresentarem custo relativamente baixo, serem denominados universais, uma vez que podem ser utilizados em qualquer componente curricular e nos níveis e modalidades de ensino (FREITAS, 2007).

Desses recursos citados, aqui serão discutidos o emprego de alguns em sala de aula, enfocando-se, sobretudo, a praticidade em encontrá-los em escolas públicas brasileiras, bem como da facilidade em promover a medição entre professor-conteúdo-aluno. Assim, propõe-se o uso de recursos mais simples, a exemplo do quadro de escrever, do livro, de cartazes, de histórias em quadrinhos, de literatura de cordel, do mural didático, do varal de leitura; além desses, do *datashow*, do computador, do *pen drive*.

3.1. Antigo e eficiente: quadro de escrever

A presença e a utilidade do quadro de escrever, seja negro, branco, de vidro, são indiscutíveis. Em língua portuguesa, a citação mais antiga sobre esse recurso data de 1.115 (FREITAS, 2007).

Além da praticidade em instalá-lo e utilizá-lo, o quadro permite que os alunos participem ativamente durante as aulas. Além de permitir uma boa visualização do que se escreve nele, possibilita a pronta correção e alterações nos assuntos apresentados. Pode-se ainda acrescentar que a utilização do que é exposto no quadro de escrever não demanda muito tempo de planejamento.

3.2. Um grande companheiro: livro

Como lembra Olga Freitas (2007), o livro didático é considerado a âncora das práticas pedagógicas, mesmo em sociedades materialmente desenvolvidas. Assim, a sua utilização é necessária, porém, desde que seja realizada de forma crítica. Apesar de ser um apoio didático, este deve interagir com demais materiais e equipamentos educacionais, e não como condutor do processo ensino-aprendizagem. Além da importância do livro didático, não se pode deixar de enfatizar a importância da presença e exploração dos livros paradidáticos no contexto escolar.

Muitas escolas, infelizmente, não investem em práticas de incentivo à leitura, e, quando dispõe de biblioteca, algumas deixam a porta fechada e o acervo empoeirado. Logo, para que tenhamos leitores críticos e capazes de modificar o seu meio através do conhecimento guardado nos livros, torna-se primordial que esses estejam sempre à disposição dos alunos; e que campanhas e projetos que instiguem a prática da leitura sejam constantes no ambiente escolar.

É preciso que as aulas de leituras, quando aconteçam, envolvam atividades voltadas a leitura silenciosa e reflexiva, compartilhada e discutida, oral e interpretativa, mas que acima de tudo seja um momento de prazer. Que em determinados momentos, esqueçam-se as fichas de leitura, esqueçam-se a obrigatoriedade de executar alguma atividade escrita ou oral após a leitura. Embora sejam também necessárias essas atividades, é preciso investir na leitura por prazer. Faz-se necessário que o aluno descubra pela prática os benefícios proporcionados pela leitura.

3.3. Sintetizando informações: cartazes

O cartaz é uma das atividades desenvolvidas em sala de aula que une diferentes habilidades, através do emprego da linguagem mista. Ou seja, o autor pode combinar unidades próprias de diferentes linguagens: linguagem verbal e linguagem não verbal (CEREJA e MAGALHÃES, 2009). Como esclarece Olga Freitas (2007), alguns elementos devem ser considerados ao se confeccionar um cartaz: texto, ilustração, cor, *layout*.

Esse visual, considerado um meio de comunicação em massa veicula diferentes tipos de mensagens, sejam elas educativas, comerciais, informativas, entre outros.

No contexto escolar, além de informar e motivar a participação dos alunos, esse recurso possibilita que os mesmos sejam capazes de sintetizar em poucas palavras o conhecimento construído nos mais diversos componentes curriculares, pois o "texto não deve ultrapassar vinte palavras" (FREITAS, *ibidem*, p. 36).

Como forma de valorizar essa produção dos alunos, geralmente realizada em grupo, os cartazes podem ser expostos em murais ou em varal de leitura.

O ideal é que se evite a poluição visual, não deixando os cartazes expostos por longo período. Além disso, a exposição dos mesmos em varal de leitura impede que as paredes fiquem sujas com cola ou até mesmo com resíduos de fitas adesivas.

3.4. Cruzando linguagens: histórias em quadrinhos

O livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* é um importante material de consulta para os professores que pretendem usar esse riquíssimo material em sala de aula. Além da fusão das linguagens verbal e não verbal, as histórias em quadrinhos (HQs) auxiliam no desenvolvimento do hábito de ler, enriquecem o vocabulário dos estudantes, entre vários outros benefícios. Um dos autores, Waldomiro Vergueiro (2010) alerta que os quadrinhos:

> tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. (VERGUEIRO, 2010, p. 26)

Segundo esse autor, cabe ao professor escolher a estratégia mais adequada às suas necessidades e às características do público alvo. Além disso, ele alerta que a má utilização das HQs pode levar a efeitos opostos aos pretendidos. E aconselha a não usar gibis em sala como um momento de relaxamento para os alunos, o que pode ficar subentendido que o professor precisa de descanso e que o aluno está sendo ludibriado, podendo gerar desconfiança e resistência com trabalhos futuros

com esse meio. O autor ainda esclarece que uma valorização excessiva das histórias em quadrinhos no contexto educacional, pode colocá-las em uma posição pouco desconfortável em relação a outros gêneros textuais.

Corroborando a importância da utilização dos quadrinhos no contexto escolar, Paulo Ramos (2010) lembra que:

> Até os exames vestibulares (a Unicamp constantemente usa quadrinhos em suas questões) e o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) se apropriaram do recurso. No concurso que selecionou docentes para a rede estadual de ensino do estado de São Paulo, realizado em 2003, também havia uma questão com o tema. (RAMOS, 2010, p. 65-66)

Após uma breve discussão sobre a utilidade das HQs, Ramos (2010) apresenta algumas propostas de como trabalhá-las nas aulas de Língua Portuguesa. Outros trabalhos sobre o uso das histórias em quadrinhos em aulas de Geografia, História e Artes, integram o livro.

3.5. Cultura e tradição: folhetos de cordel

Segundo Oliveira (1996), a poesia popular, de modo geral, é de natureza oral (cantoria) e escrita (cordel). Desse modo, embora se proponha a utilização do folheto de cordel em sala de aula — modalidade escrita da literatura popular —, a produção de natureza oral também é extremamente rica.

Se as instituições educacionais brasileiras concordassem com o que Zóboli (2002, p. 16) afirmou sobre a aprendizagem, “aprender é adquirir novas atitudes”, e, além disso, adotassem a sugestão do poeta popular Manoel Monteiro feita no seu folheto *Quer escrever um cordel?*, em que ressalta o valor do folheto de cordel, o qual serve para informar o aluno e o professor. Possivelmente, desse modo, a aprendizagem seria dinamizada na sala de aula, pois como o próprio cordelista ratifica, na décima quarta estrofe, “/ É porque os tais livrinhos/ Falam como nós falamos/ E do jeito dos vizinhos, /”. Sobretudo, se há na escola um elevado número de discentes oriundos de classes sociais excluídas, marginalizadas.

O folheto de cordel apresenta-se com um potencial enorme, ainda pouco explorado pelos educadores. Além da estrutura formal — rimas, ritmo, estrofes, versos, sílabas métricas — outra possibilidade é a discussão e reflexão crítica sobre

os inúmeros contextos presentes nas páginas do cordel. Enfim, são múltiplas as possibilidades para se trabalhar ou divertir-se com a literatura de cordel.

3.6. Expondo informações e textos diversos: mural didático e varal de leitura

Através da disposição e utilização de murais e varais de leitura é possível perceber quais são os assuntos abordados no contexto escolar e o que os discentes estão aprendendo e produzindo.

Porém, como foi mencionado no tópico 3.3 deste trabalho, é imprescindível manter o ambiente limpo e organizado. Daí a importância da utilização de murais e varais de leitura para expor a produção dos alunos, sem sujar paredes, bem como incentivar o hábito de ler os informativos, principalmente em instituições escolares maiores onde às vezes a comunicação oral não é suficiente para que a informação chegue a todos sem exceção. Além dos informativos, essa prática possibilita o contato com diversos tipos de textos, valorizando inclusive a produção de alunos autores.

Assim, como lembra Freitas (2007), os murais também desempenham papel importante no processo de construção do conhecimento e, sobretudo, da identidade da escola.

3.7. Um *show* de apresentação: *Datashow*

Segundo o professor Paulo Rosa (2000), em seu trabalho *O uso dos recursos audiovisuais e o ensino de ciências*:

> Um filme ou um programa multimídia têm um forte apelo emocional e, por isso, motivam a aprendizagem dos conteúdos apresentados pelo Professor. Além disso, a quebra de ritmo provocada pela apresentação de um audiovisual é saudável, pois altera a rotina da sala de aula. (ROSA, 2000, p. 39)

Sendo assim, ao se trabalhar com esses recursos, além de planejar a aula, torna-se necessário que o professor verifique o equipamento antes do uso, posicione as carteiras dos alunos bem como a si próprio de modo que não dificulte a visibilidade da tela por todos da sala, faça uma apresentação do conteúdo que será

ministrado, planeje uma discussão e análise após a exibição do audiovisual, além de ter caminhos alternativos para a sua atividade caso o equipamento não funcione.

Ao falar sobre o *datashow*, dispositivo que possibilita a projeção em uma tela do conteúdo exibido na tela de um computador, Rosa (2000) destaca alguns cuidados que devem ser observados desde a elaboração dos *slides* até a sua apresentação.

Embora relativamente caro, esse dispositivo está presente em várias escolas brasileiras. Deve-se salientar que para a utilização do *datashow* faz-se necessário a sua combinação com um computador. No entanto, os equipamentos que foram enviados às escolas pelo Ministério da Educação (MEC) dispensa a conexão a um computador, o qual já veio acoplado ao dispositivo. É o chamado computador interativo, como consta no Guia de Tecnologias Educacionais 2011/2012/MEC (p. 96):

> O Computador Interativo é uma solução tecnológica interativa, que reúne em um único equipamento portátil: computador com grande poder de processamento, capacidade de conectividade *wireless* e/ou via cabo, projetor de imagens, reprodutor de mídias CD e DVD e caixas acústicas.

A utilização do projetor pode tornar a aula atrativa devido as suas inúmeras possibilidades de uso, desde a apresentação de uma simples imagem — que pode ser as atividades digitalizadas produzidas pelos discentes, objetivando discussão e análise das mesmas —, até a exibição de um filme, de um curta-metragem, de uma reportagem veiculada num jornal televisivo, de uma cena polêmica de novela, de um comercial exibido na TV. O que pode ser conseguido através do site www.youtube.com, após a instalação do *software* aTube Catcher.

Além disso, deve-se mencionar o *Portal Dia a Dia Educação - Trechos de Filmes*, que disponibiliza extratos de filmes (longa e curta duração) os quais, segundo o Guia de Tecnologias Educacionais 2013/MEC (p. 35):

> podem ser utilizados como uma alternativa educacional para a investigação de temas, conceitos e conteúdos que compõem as disciplinas escolares. Essa possibilidade de trabalho com o trecho de filme na sala de aula, se dá a partir do entendimento de que os filmes podem complementar, enriquecer, ampliar e aprofundar os temas trabalhados nas diversas disciplinas do currículo. Nesse sentido, os trechos das obras cinematográficas podem ser entendidos como textos que convidam à leitura e à interpretação audiovisual, mostrando-se como uma prática pedagógica importante.

Enfim, são múltiplas as atividades que podem ser desenvolvidas com o auxílio de um *datashow*. E se a exposição de algum desses recursos digitais for associado a outros meios, a exemplo do livro didático, o momento em sala de aula será muito mais significativo, desde que seja bem conduzido pelo professor.

3.8. Um mundo de informação na palma da mão: *pen drive*

Os *pen drives* são o modo mais fácil de transportar e transferir qualquer tipo de arquivo. Pequenos, com boa capacidade — funciona como uma extensão da memória do computador — e fáceis de conectar e desconectar são o melhor exemplo de portabilidade.

Atualmente, esses dispositivos de armazenamento são utilizados não apenas em computadores mas em vários outros aparelhos eletrônicos, por exemplos, caixa de som, aparelho de som, aparelho de DVD. Daí a praticidade em utilizá-lo no contexto escolar associado a outros recursos didáticos.

3.9. Laboratórios de informática: informatização das escolas

Na atualidade, o Ministério da Educação tem investido em recursos tecnológicos, *softwares* e os disponibilizado nas escolas, além de atuar na capacitação de profissionais da educação.

Um dos projetos que evidenciam esse investimento é o PROINFO, o qual visa a informatização das escolas públicas e a facilitação do acesso a informação, seja no ambiente urbano ou rural. Segundo o Guia de Tecnologias Educacionais 2011/2012 MEC (p. 64):

> O Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO) visa promover o uso pedagógico de tecnologias da informação relacionadas a conteúdos educacionais nas escolas públicas de todo o Brasil. Nesse contexto, o Linux Educacional (LE) colabora para o atendimento dos propósitos do PROINFO, colocando à disposição do usuário final um sistema com recursos que facilitam a utilização do computador.

Essa iniciativa de informatização das instituições de ensino está em consonância com uma das preocupações da escola:

> A escola preocupada em fazer com que os alunos desenvolvam capacidades ajusta sua maneira de ensinar e seleciona os conteúdos de modo a auxiliá-los a se adequarem às várias vivências a que são expostos em seu universo cultural; considera as capacidades que os alunos já têm e as potencializa[.] (PCNs, 1997, p. 48)

Se as tecnologias estão presentes no universo social e cultural dos alunos, faz-se necessário que elas não estejam ausentes no contexto escolar. E as capacidades do aluno sejam potencializadas através dos conteúdos, dos recursos didáticos utilizados, do papel atuante do professor. Assim, havendo sintonia entre sociedade e escola, a aprendizagem torna-se significativa e atrativa para os discentes.

Ainda sobre a aprendizagem significativa, Karling (1991) afirma que ela torna-se interessante e importante para o aluno quando vem atender a uma necessidade ou ajudá-lo a resolver um problema (*apud*. Ferreira, 2007).

Conclusões

O estudo possibilitou verificar que vários fatores estão interconectados no processo ensino-aprendizagem, embora se tenha enfocado os recursos didáticos, uma vez que a utilização dos mesmos podem motivar alunos e dinamizar o contexto escolar.

No decorrer do trabalho, comprovou-se que a utilização de várias tecnologias educacionais aumenta a probabilidade de aprendizagem, se condicionadas ao papel mediador do docente.

Quanto às mudanças tecnológicas, estas implicam em mudanças metodológicas e também de conteúdo no contexto escolar, objetivando-se a aprendizagem significativa. No entanto, o uso de um recurso tecnológico inovador não garante a eficácia no processo ensino-aprendizagem. Da mesma forma que um material de apoio antigo pode exercer com primazia a função de intermediário entre os conteúdos e os alunos, a exemplo do quadro de escrever.

Este trabalho apresenta uma pequena contribuição no sentido de promover a conscientização de educadores quanto ao seu papel de mediador entre conteúdo e aluno, através de meios. Além disso, deve-se alertar que não existe receita pronta, por isso se propõe a continuidade desta pesquisa através de outros autores não mencionados, no sentido de ampliar o campo de conhecimento de cada professor

sobre a temática aqui abordada. E que esta busca constante pelo saber possa aprimorar a sensibilidade e despertar a criatividade de cada professor.

Referências bibliográficas

CALDEIRA, Francieli; CÂMARA, Marcos; LIMA, Marli Secchi de. Recursos tecnológicos e sua utilização na sala de aula. 2011. Disponível em: < http://ww.unimeo.com.br/artigos/artigos-2011.html?download=55%3Arecursos-tecnologicos-e-sua-utilizacao-na-sala-de-aula> Acesso em: 25 de fev. 2014.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens, 6º ano*. 5. ed. reform. São Paulo: Atual, 2009.

CERQUEIRA, Jonir Bechara; FERREIRA, Elise de Melo Borba. Recursos didáticos na educação especial. *In*: *Revista Benjamin Constant*. Edição 05. Vol. 6, n. 15. Rio de Janeiro. Dez. de 1996.

FERREIRA, Sheila Margarida Moreno. *Os recursos didácticos no processo de ensino-aprendizagem*: Estudo de caso da Escola Secundária Cónego Jacinto. Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. Bacharelato em Ciências da Educação e Praxis Educativa. Cidade da Praia, aos 03 de Setembro de 2007. 69 p.

FREITAS, Olga. *Equipamentos e materiais didáticos*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 132 p.

Guia de Tecnologias Educacionais 2011/12/organização COGETEC. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011. 196 p.

Guia de tecnologias educacionais da educação integral e integrada e da articulação da escola com seu território 2013/organização Paulo Blauth Menezes. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. 55 p.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para promover:* as setas do caminho. 13. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MELLO, Rosângela Menta Mello. É importante trabalhar vários recursos integrados. *In*: *Jornal do professor*: Geografia Criativa. Edição 69 - 27/03/2012. Entrevista disponível em: < http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=2196. > Acesso em: 25 de fev. 2014.

MONTEIRO, Manoel. *Quer escrever um cordel? – Aprenda a fazer fazendo.* 2. ed. Campina Grande: Gráfica Martins, jul. 2003.

OLIVEIRA, A. A literariedade da poesia popular. *In: Sriptum.* Universidade Estadual da Paraíba. Departamento de Letras e Artes. (NUPEL). Ano1, nº. 1, 1996, p. 5-13.

OLIVEIRA, Elizabeth Rocha de Carvalho; COSTA, Mirian Resende. A utilização de materiais e recursos didáticos como facilitadores do processo ensino aprendizagem no ensino fundamental I. *In*: *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais*. UNIFOR, Centro Universitário de Formiga, MG. 2011.

PAIS, Luiz Carlos. Uma análise do significado da utilização de recursos didáticos no ensino da geometria. *In*: *Reunião: educação não é privilégio,* 23., 24 a 28 de set. 2000. Caxambú, MG. GT19. Disponível em: < http://www.ufrrj.br/emanped/paginas/home.php?id=23> Acesso em: 24 de fev. 2014.

Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126 p.

RAMOS, Paulo. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. *In: Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 65-85.

Relatório Nacional PISA 2012: Resultados brasileiros. Fundação Santillana: São Paulo. ISBN 978-85-63489-17-3. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2014/relatorio_nacional_PISA_2012_resultados_brasileiros.pdf Acesso em: 16 de mar. de 2014.

ROSA, Paulo Ricardo da Silva. *O uso dos recursos audiovisuais e o ensino de ciências*. Cad. Cat. Ens. Fís., v. 17, n. 1: p. 33-49, abr. 2000. Disponível em: < https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/viewFile/6784/6249> Acesso em: 03 de mar. de 2014.

SILVA, Evellyn Ledur da.; GIORDANI, Estela Maris; MENOTTI, Camila Ribeiro. As tendências pedagógicas e a utilização dos materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem. *In*: *Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas:* História, Sociedade e Educação no Brasil, 6., 30 de junho a 03 de julho de 2009. São Paulo: UNICAMP.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A prática pedagógica do professor de didática*. 11. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. *In: Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-29.

ZÓBOLI, Graziella. *Práticas de ensino: subsídios para a atividade docente.* São Paulo: Ática, 2002.